



Direitos iguais

Acesso à justiça no Peru

Ruth Alvarado e Alfonso Wieland

A Paz y Esperanza (Paz e Esperança) é uma organização cristã do Peru que promove a justiça social através da defesa dos direitos humanos de indivíduos e comunidades marginalizadas ou sem acesso à justiça.

A Paz e Esperança acredita que todas as pessoas têm o mesmo valor, já que todos foram criados à imagem de Deus, e isto deve ser defendido e promovido. Assim, todas as pessoas deveriam ter direitos iguais, embora, muitas vezes, esta não seja a realidade para as pessoas pobres. O acesso à justiça através do sistema legal formal pode ser difícil para as pessoas pobres por muitos motivos:

- falta de recursos financeiros
- corrupção
- burocracia
- isolamento geográfico
- educação e alfabetização limitadas

- falta de conhecimento sobre os direitos humanos
- falta de conhecimento sobre como usar estes direitos dentro do sistema
- falta de compreensão da língua oficial
- medo e falta de confiança no sistema judiciário.

A pobreza não é o único obstáculo da igualdade. Há muitos exemplos de

NOTA AOS LEITORES A *Passo a Passo* é lida na África, Europa e América do Sul. A língua portuguesa muda de um continente para o outro. Alguns artigos podem estar escritos em um estilo diferente do português que você fala. Esperamos que isto não venha a mudar a sua apreciação pela *Passo a Passo*.

NB Escrevemos "AIDS/SIDA", porque alguns de nossos leitores conhecem a doença como "AIDS", enquanto outros a chamam de "SIDA".

injustiça na nossa sociedade. O sistema legal frequentemente trata as pessoas de maneira diferente, de acordo com o seu status social ou sexo. A Bíblia mostra uma outra maneira de ver a vida. Deus dá o mesmo valor e a mesma atenção a todas as pessoas: homens, mulheres e crianças, de todas as raças e grupos sociais. Esta igualdade e respeito pelas diferenças deveriam ser a base de todas as relações sociais.

Os sistemas e a desigualdade

Entretanto, a experiência das pessoas no mundo é muito diferente e frequentemente desigual. A situação dos povos indígenas do Peru é especialmente difícil, pois eles sofrem discriminação racial e social constante por parte do sistema legal e do Estado.

As crianças frequentemente têm pouco acesso à justiça. Não há funcionários treinados suficientes para investigar os crimes de abuso infantil ou centros de assistência ou recursos suficientes para ajudar as crianças em risco.

A discriminação sexual também pode ser vista, por exemplo, no comportamento



Foto Peter Clark

Leia nesta edição

- 3 Abordagens baseadas nos direitos
- 4 Restaurando a esperança
- 6 Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas
- 7 Cartas
- 8 O uso do teatro no trabalho de defesa de direitos comunitário
- 10 Trabalhando com a deficiência
- 11 Agentes da defesa de direitos
- 12 Empoderando as mulheres na Índia
- 13 Estudo bíblico
- 14 Recursos
- 15 Small World Theatre
- 16 Uma vida transformada

ISSN 1353 9868

A *Passo a Passo* é uma publicação trimestral que procura aproximar pessoas em todo o mundo envolvidas na área de saúde e desenvolvimento. A Tearfund, responsável pela publicação da *Passo a Passo*, espera que esta revista estimule novas idéias e traga entusiasmo a estas pessoas. A revista é uma maneira de encorajar os cristãos de todas as nações em seu trabalho conjunto na busca da melhoria das nossas comunidades.

A *Passo a Passo* é gratuita para aqueles que promovem saúde e desenvolvimento. É publicada em inglês, francês, português e espanhol. Donativos são bem-vindos.

Os leitores são convidados a contribuir com suas opiniões, artigos, cartas e fotografias.

Editora: Isabel Carter

PO Box 200, Bridgnorth, Shropshire,
WV16 4WQ, Reino Unido

Tel: +44 1746 768750

Fax: +44 1746 764594

E-mail: footsteps@tearfund.org

Website: <http://tilz.tearfund.org/Portugues>

Subeditora: Rachel Blackman, Maggie Sandilands

Editora – Línguas estrangeiras: Sheila Melot

Administradoras: Judy Mondon, Sarah Carter

Comitê Editorial: Ann Ashworth, Simon Batchelor, Paul Dean, Richard Franceys, Mark Greenwood, Martin Jennings, Ted Lankester, Simon Larkin, Donald Mavunduse, Sandra Michie, Mary Morgan, Nigel Poole, Naomi Sosa

Design: Wingfinger Graphics, Leeds

Tradução: L Bustamante, S Dale-Pimentil, H Gambôa, L Gray, M Machado, P Mandavela, C Murray, N Ngueffo, J Perry, G van der Stoel, L Weiss

RELAÇÃO DE ENDEREÇOS: Escreva, dando uma breve informação sobre o trabalho que você faz e informando o idioma preferido para: **Footsteps Mailing List, PO Box 200, Bridgnorth, Shropshire, WV16 4WQ, Reino Unido.**

E-mail: footsteps@tearfund.org

Mudança de endereço: Ao informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência mencionado na etiqueta.

Direitos autorais © Tearfund 2006. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, desde que os materiais sejam distribuídos gratuitamente e que a Tearfund Reino Unido seja mencionada como sua fonte. Para qualquer outra utilização, por favor, entre em contato com footsteps@tearfund.org para obter permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas e artigos não refletem necessariamente o ponto de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas minuciosamente, mas não podemos aceitar responsabilidade no caso de ocorrerem problemas.

A **Tearfund** é uma organização cristã evangélica que se dedica ao trabalho de desenvolvimento e assistência através de grupos associados, a fim de levar ajuda e esperança às comunidades em dificuldades no mundo.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington,
Middlesex, TW11 8QE, Reino Unido.

Tel: +44 20 8977 9144

Publicado pela Tearfund, uma companhia limitada, registrada na Inglaterra sob o No.994339

Organização sem fins lucrativos sob o No.265464.



Foto Peter Clark

Deus dá o mesmo valor a todas as pessoas: homens e mulheres de todas as raças, idades e grupos sociais.

negativo da polícia e das pessoas dentro do sistema legal ao lidarem com as mulheres que procuram a sua ajuda. Esta desigualdade entre os sexos reflete-se em toda a sociedade, pois a nossa cultura geralmente tolera a violência doméstica. Não devemos fechar os olhos para esta injustiça.

A Paz e Esperança oferece apoio legal, pastoral e psicológico às vítimas da violência dentro da família, especialmente mulheres e crianças.

Justiça para todos

O trabalho da Paz e Esperança baseia-se no conceito bíblico de justiça. Para nós, isto consiste em tornar os direitos humanos possíveis para todos, assim como restaurar a boa relação entre Deus, seu povo e a criação. Acreditamos que a justiça bíblica exige a defesa dos pobres, já que eles estão em desvantagem e, freqüentemente, indefesos na sociedade. Trabalhar em prol da justiça consiste em criar uma sociedade que incentive os direitos e as responsabilidades de todas as pessoas.

A Paz e Esperança procura mudar as instituições e os sistemas legais que se opõem aos direitos humanos. Desta forma, ela espera melhorar a administração da justiça no Peru.

É importante que a justiça seja defendida e promovida nacionalmente através da criação ou reforma de leis. Porém, precisamos ir além disso: as leis devem ser realmente respeitadas na prática, caso contrário elas são inúteis. A Paz e Esperança também ajuda a educar as comunidades quanto aos seus direitos. Nós as empoderamos (encorajamos) para que sejam capazes de agir e desafiar os sistemas e as práticas injustas no Estado e para fazer lobby (pressão) em prol dos seus direitos.

No nosso trabalho de defesa de direitos, usamos campanhas públicas, educação e pesquisa. Trabalhamos através de redes, com os meios de comunicação e fazendo lobby (pressão) diretamente entre as

ESTUDO DE CASO A história de Rosa

Em muitas regiões do Peru, as crianças que nascem fora do casamento podem ficar sem sobrenome, se o pai negar a paternidade. Isto causa sérios problemas mais tarde, dificultando a matrícula da criança na escola ou o seu acesso ao dinheiro que o pai deveria prover (providenciar) por lei. Além disso, quando estas crianças se tornam maiores de idade, elas não podem fazer a carteira (bilhete) de identidade e, assim, ficam excluídas dos direitos e das responsabilidades dos cidadãos.

Uma das pessoas que a Paz e Esperança ajudou é Rosa Ayala. Ela é uma mãe solteira, de 38 anos, que mora na região de Alto Mayo, no Peru. Ela processou o pai do seu filho mais novo, para que ele pudesse ter o sobrenome do pai. Rosa recebeu apoio legal, espiritual e emocional da Paz e Esperança. Com a permissão de Rosa, a Paz e Esperança usou o caso para conscientizar (consciencializar) as pessoas sobre esta questão através dos meios de comunicação locais.

No final, Rosa ganhou a causa. Seu filho, Pedro, agora possui o sobrenome do pai e status legal. O caso serviu como um novo exemplo legal na região de Alto Mayo, por ser a primeira a ser ganha sem a necessidade do teste de DNA. Rosa disse numa entrevista: "Os advogados que eu contratei não fizeram nada. O meu ex-marido falou com eles e subornou-os. Depois disso, os advogados ficaram do lado dele. Quando eu fui à Paz e Esperança, eu sabia que as pessoas tinham direitos, mas eu não sabia como reivindicá-los. Foi muito difícil para mim me expor na frente dos meios de comunicação, falar sobre a minha situação e contar coisas da minha vida particular para os outros. Agora, eu agradeço a Deus por tudo."

autoridades. Educamos pessoas de dentro do sistema judiciário e social sobre questões de direitos humanos.

A Paz e Esperança também oferece assistência legal gratuita para pessoas ou comunidades vítimas de abuso dos direitos humanos, para assegurar que tenham uma representação legal de boa qualidade.

Procuramos aumentar o acesso à justiça dentro das comunidades pobres, aumentando seu acesso às informações, proporcionando-lhes uma oportunidade para serem ouvidas no governo local e

assegurando que o sistema legal preste contas e seja acessível para todos.

Alfonso Wieland é o Diretor Executivo da Paz e Esperança.

*Asociacion Paz y Esperanza
Jr. Hermilio Valdizan 681
Jesus Maria, Lima
Peru*

Email: awieland@pazyesperanza.org

Ruth Alvarado é uma advogada que trabalha com a Paz e Esperança. Ela é a Diretora da parceira da Tearfund, Agape.

Email: ministerioagape@speedy.com.pe



Foto Peter Clark

Abordagens baseadas nos direitos

Muitas organizações agora usam “abordagens baseadas nos direitos” para o desenvolvimento. Estas abordagens exigem que as instituições e as pessoas no poder prestem contas quanto às suas responsabilidades às pessoas com menos poder. As abordagens baseadas nos direitos são diferentes das abordagens “baseadas nas necessidades” ou no “bem-estar”, as quais deixam as pessoas dependentes das agências de desenvolvimento. Elas usam abordagens participativas e de empoderamento (encorajamento) e começam com o reconhecimento das violações dos direitos humanos, ao invés de se concentrarem nas necessidades humanas.

Descobririndo quais são os direitos

Os direitos humanos acordados internacionalmente são acordos legalmente vinculativos entre os Estados, que estabelecem os seus deveres e as suas obrigações para com os seus cidadãos. Eles oferecem uma base legal sólida para o trabalho de defesa de direitos internacional e nacional e uma estrutura prática para o planejamento de programas. As abordagens baseadas nos direitos fortalecem a capacidade dos grupos vulneráveis de lidarem com as causas fundamentais da pobreza e exigem os recursos civis, políticos, sociais e financeiros para satisfazerem as suas necessidades e viverem com dignidade. Estes recursos são reconhecidos como direitos humanos pelos tratados internacionais.

Devido à sua vulnerabilidade e falta de poder, as crianças possuem os seus próprios direitos, os quais estão dispostos na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) www.unhcr.ch/html/menu3/b/k2crc.htm.

Há cada vez mais ministérios governamentais usando a estrutura dos direitos infantis para orientar as suas próprias políticas e prática e monitorizar o bem-estar infantil. Na Colômbia, por exemplo, o Ministério do Bem-Estar Social baseia suas políticas e seus programas na CDC e exige a prestação de contas por parte das ONGs na defesa dos direitos infantis.

Os direitos infantis são úteis para proporcionar justiça, serviços e proteção às crianças. Eles oferecem uma base comum para que as ONGs, igrejas e autoridades governamentais trabalhem juntas para melhorar a vida das crianças.

Motivação cristã

Muitas organizações cristãs trabalham em ambientes difíceis – situações em que ocorrem abusos dos direitos humanos diariamente, tais como: a liberdade de religião, o direito de participar no processo político, a liberdade de se reunir com

outras pessoas e o direito à educação. As organizações cristãs precisam estar totalmente conscientes dos direitos humanos, mas com uma perspectiva especificamente cristã. Mesmo quando lhes é pedido que aceitem a injustiça e a violação dos direitos contra si próprios, os cristãos e a igreja podem comprometer-se a buscar a justiça e defender os direitos das outras pessoas de forma ativa. Esta é uma motivação baseada no amor, e não na lei (Christopher Wright, *Human Rights: A Study in Biblical Themes*, Grove Booklet No 31 on ethics, 1979).

*Paul Stephenson é o Diretor de Crianças em Desenvolvimento, da World Vision International. Seu endereço é: PO Box 9716, Federal Way, WA 98063, EUA
E-mail: paul_stephenson@wvi.org*

ESTUDO DE CASO

Jessica, de 14 anos, explicou como ela aprendeu sobre os seus direitos quando fazia parte de uma Rede Infantil da Colômbia. Ela vive numa comunidade deslocada devido ao conflito civil. Entretanto, ela reconhece que ela própria e outras crianças podem fazer lobby (pressão) para que o governo se concentre nos seus direitos à educação, saúde, proteção e paz. Jessica e alguns amigos fizeram uma passeata em Bogotá para protestar sobre alguns destes problemas e foram entrevistados por um canal de televisão local. Este talvez seja um pequeno passo inicial, mas as crianças agora se sentem empoderadas e respeitadas. Elas têm esperança de poderem mudar as coisas para o benefício da sua comunidade.



Editorial

A Bíblia diz que Deus criou todos os homens e mulheres com o mesmo valor e que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. A Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas diz que todas as pessoas têm direitos iguais, não importando o sexo, raça, nacionalidade, religião, política, opiniões ou status social. No entanto, quando olhamos para o nosso mundo hoje, vemos injustiça, discriminação, violência e sofrimento, causados pelo facto de as pessoas não respeitarem os direitos dos outros.

É fácil ficar zangado e triste com a injustiça do mundo, mas é mais difícil encontrar soluções práticas para o problema. Nesta edição, vemos algumas maneiras através das quais as pessoas estão a lidar com os problemas nas suas comunidades e defendendo os seus direitos.

Os que mais sofrem são geralmente as pessoas pobres e marginalizadas, as quais talvez não tenham acesso aos sistemas judiciais formais. As relações de poder desiguais da sociedade fazem com que mulheres e crianças por todo o mundo não desfrutem nem mesmo dos seus direitos humanos básicos de igualdade e segurança pessoal.

Deus pede-nos que nos manifestemos pelos direitos dos pobres e oprimidos. Espero que esta edição desafie e incentive os leitores a trabalharem juntos para reconhecer e lidar com a injustiça.

Espero que gostem da nova aparência da Passo a Passo. As futuras edições examinarão a renovação urbana e a reconciliação.

Maggie

Maggie Sandilands
Subeditora

Restaurando a esperança

Baliesima Kadukima Albert

A Violência Baseada no Género (VBG) é a violência, sexual ou não, que ocorre devido às desigualdades entre os géneros. Ela é reconhecida como um abuso dos direitos humanos. As mulheres e as meninas são as principais vítimas, pois a violência baseada no género está enraizada nas relações do poder tradicionalmente desiguais na sociedade, embora os meninos e os homens também sejam alvos da violência sexual. Ela é especialmente comum durante o conflito armado, onde é frequentemente usada de propósito como arma de guerra, e em situações pós-conflito.

A violência baseada no género é uma violação do direito da mulher à igualdade e à segurança pessoal e prejudica o que já foi alcançado nos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio quanto à igualdade entre os sexos e o empoderamento da mulher.

Há quase dez anos, há conflito entre os diferentes grupos armados da República Democrática do Congo (RDC), o que deixou cicatrizes profundas na sociedade. Aproximadamente 3,5 milhões de pessoas já morreram como resultado do conflito, grandes grupos de pessoas foram deslocadas e há pobreza e subnutrição. O problema de violação e violência sexual ocorre por toda parte, o que também contribuiu para a rápida propagação do VIH (HIV). Os efeitos tanto da violência quanto do VIH e da SIDA (AIDS) não são apenas físicos, mas também psicológicos e sociais.

La Province de l'Église Anglicane du Congo – PEAC (a Igreja Anglicana do Congo)

possui oito dioceses na RDC. Ela procura servir a Deus, contribuindo na luta contra o VIH e a SIDA e tentando restaurar a esperança entre as pessoas que tanto sofrem ao longo do conflito. A PEAC acha que, para que a igreja seja uma fonte de esperança em que as pessoas possam confiar, devemos mostrar o amor de Deus de maneira prática. Por exemplo, a PEAC trabalha com mulheres que foram violadas.

Algumas das actividades que a PEAC organiza são:

Consciencialização Consciencializar as mulheres sobre questões relativas a violação e incentivá-las a fazerem denúncias. Muitas



Foto Marcus Perkins Tearfund

Os homens e as mulheres devem ser capazes de viver e trabalhar juntos sem a ameaça da violência.

mulheres receiam manifestar-se, porque têm medo da rejeição social e de que os seus maridos as abandonem. As meninas, geralmente incentivadas pelos seus pais, preferem manter-se em silêncio por medo de, em consequência, não encontrarem um marido. É importante consciencializar os homens e a geração mais velha, para que punam os violadores e não rejeitem as mulheres violadas.

Assistência médica Ajudar as mulheres a obterem assistência médica para evitar doenças transmitidas sexualmente, inclusive o VIH e a SIDA. É importante tomar medicamentos antiretrovirais dentro de três dias após a violação, para que ele seja o mais eficaz possível. Entretanto, o medo do estigma faz com que muitas mulheres hesitem em apresentarem-se. Há também o problema de fazer com que as mulheres das regiões rurais recebam assistência a tempo.

Oração e aconselhamento São oferecidas sessões regulares de oração e aconselhamento com conselheiras treinadas. É importante que as conselheiras sejam mulheres, pois muitas mulheres que foram violadas acham mais fácil compartilhar os seus sentimentos e conversar com outras mulheres.

Actividades de geração de recursos

O treinamento prático em várias atividades de geração de recursos pode dar à mulher uma nova motivação e auto-confiança para ajudá-la a superar o seu trauma.

ESTUDOS DE CASOS

Uma menina que nos procurou era uma estudante de 18 anos, que havia sido violada por um vizinho. Ela só se apresentou vários meses mais tarde, quando este homem morreu de SIDA (AIDS). Infelizmente, o teste dela também deu positivo para o VIH (HIV). Quando ela veio a nós, ela tinha tendências suicidas e achava que não valia nada. Porém, o aconselhamento regular ajudou-a a recuperar a confiança e a esperança.

Um outro caso foi o de uma professora de 35 anos que tinha sido violada por um grupo de homens quando voltava do mercado. Por vergonha e medo da discriminação social, ela decidiu sair de casa e voltar a morar com os pais. Porém, após as sessões de aconselhamento juntamente com o marido, eles decidiram continuar a viver juntos.

Fazendo progresso

A PEAC encontrou muitas dificuldades no seu trabalho, especialmente a discriminação social enfrentada pelas mulheres que foram violadas. Os maridos frequentemente rejeitam as mulheres como se a culpa tivesse sido delas. Num país em que os homens armados podem fazer o que quiserem e onde o sistema judiciário é corrupto, muitos agressores nunca são punidos por violar. É importante aumentar a consciencialização dos problemas e mobilizar as comunidades para evitar estas agressões, condenar os agressores e cuidar das mulheres que sofreram violência. As mulheres também precisam de ser ensinadas a defenderem os seus direitos no que diz respeito à violência sexual.

Apesar destes problemas, a maioria das mulheres com quem trabalhamos encontram alívio e consolo no aconselhamento. Elas valorizam o apoio e a oportunidade para expressarem as suas preocupações e encontram paz e esperança para viverem de maneira positiva.

Baliesima Kadukima Albert é a Coordenadora do Programa de Saúde e VIH (HIV) e SIDA (AIDS) da Igreja Anglicana do Congo (PEAC), Beni, República Democrática do Congo.



Foto Marcus Perkins Tearfund

Em situações de emergência, as mulheres e as crianças são especialmente vulneráveis.

PO Box 25586, Kampala, Uganda
E-mail: baliesima@yahoo.com

Reduzindo o risco de violência sexual em emergências

- Projete e escolha os locais para os campos de refugiados ou pessoas deslocadas após consultá-los para aumentar a segurança física.
- Assegure-se de que os pontos de abastecimento público de água, as latrinas e outras instalações (escolas, postos de saúde) sejam colocados em áreas seguras, a uma distância dos abrigos das pessoas que possa ser percorrida facilmente a pé.
- Sempre que possível, ajude cada família a ter a sua própria latrina e forneça ferramentas e materiais para isto.
- As instalações sanitárias públicas para homens e mulheres devem ser separadas, especialmente para banho.
- Assegure-se de que haja funcionárias de saúde, segurança e intérpretes mulheres.
- Inclua as mulheres na distribuição de abrigo, alimentos e outras provisões.
- Forneça roupas e pacotes sanitários para as meninas e mulheres.
- Forneça fornos que usem pouco combustível para diminuir a necessidade de lenha, pois as mulheres se tornam mais vulneráveis quando saem para procurar lenha.
- Inclua as mulheres nos processos de tomada de decisões sobre saúde, saneamento, saúde reprodutiva e distribuição de alimentos no campo.
- Assegure-se de que as comunidades estejam informadas sobre os serviços disponíveis para os sobreviventes da violência, tais como a assistência médica de emergência. Identifique aquelas pessoas que estão especialmente em risco, tais como órfãos e lares chefiados por mulheres solteiras.
- Identifique, treine e auxilie pessoas da comunidade como agentes de apoio para prevenir, reconhecer e responder à violência baseada no gênero e oferecer apoio emocional, informações, encaminhamento e defesa de direitos.
- Ensine as mulheres sobre os seus direitos, tais como o status de refugiado.
- Crie grupos de apoio para os sobreviventes da violência baseada no gênero e as suas famílias.

Adaptado de *Protecting the Future: HIV Prevention, Care and Support Among Displaced and War-Affected Populations*, IRC, Kumarian Press, 2003.

A Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas

A Declaração Universal dos Direitos Humanos declara que todas as pessoas têm os mesmos direitos iguais e inalienáveis, sem distinção alguma de sexo, raça, nacionalidade, religião, política, opiniões ou status social.

A Declaração diz que o reconhecimento e a compreensão destes direitos é a base das boas relações entre as pessoas, comunidades e nações. Isto promove paz, a justiça, a liberdade e o progresso social para todos. A falta de respeito para com estes direitos resulta em sofrimento e injustiça.

Direitos e responsabilidades

A Declaração diz que todas as pessoas têm direito a viverem numa sociedade que torne efetivos estes direitos e estas liberdades. Para fazer com que isto

se torne realidade, todos – indivíduos, igrejas, comunidades e governos – têm a responsabilidade de defender estes direitos e estas liberdades para os outros.

A Declaração foi assinada por todos os estados membros da Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A Declaração não é um documento legal, mas é um acordo internacional comum sobre quais são os direitos fundamentais de todas as pessoas. Ao assinarem a Declaração, os governos comprometeram-se a governar com justiça e compaixão e a tratar seus cidadãos de acordo com estes princípios básicos.

Os direitos humanos e a lei

A Declaração em si não é legalmente vinculativa. Desde então foram escritos acordos internacionais das Nações Unidas, que transformam os princípios da Declaração em lei internacional. Há grupos específicos que monitorizam a forma como estes acordos são colocados em prática.

Em âmbito regional, a União Africana, a Organização dos Estados Americanos e o Conselho da Europa transformaram os princípios dos direitos humanos em acordos regionais legalmente vinculativos. Cada acordo possui um tribunal associado a ele para causas judiciais, mas somente se o país tiver assinado o acordo apropriado primeiro. Mesmo assim, uma pessoa que coloca uma causa na justiça só pode apelar neste tribunal depois de ter passado primeiro pelo sistema legal do seu próprio país. Se uma pessoa sofrer abusos dos direitos humanos, ela deve procurar orientação com advogados ou ONGs confiáveis da área dos direitos humanos no seu próprio país.

Conscientização

Foram formados grupos de defesa de direitos internacionais e nacionais para fazer lobby (pressão) publicamente em prol da mudança, caso os governos abusem os direitos humanos dos cidadãos.

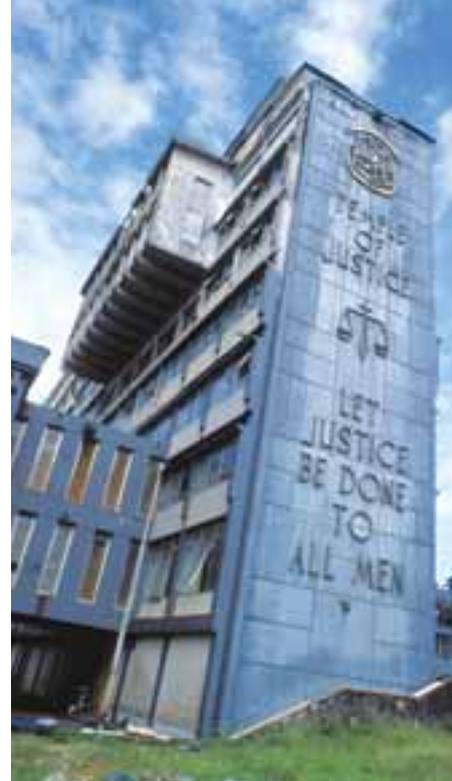


Foto: Jim Loring Tearfund

Muitas pessoas não têm acesso à justiça.

Estes grupos usam uma variedade de métodos, tais como reportagens nos meios de comunicação internacional, petições e demonstrações públicas, todos eles com o objetivo de condenar o comportamento dos governos, conscientizar as pessoas sobre o mal que foi feito e promover a mudança.

A autora, Caroline Musgrave, é Oficial de Relações com Doadores Institucionais da Tearfund.

Seu endereço é:

100 Church Road

Teddington

TW11 8QE

Reino Unido

Website: www.tearfund.org

> A Declaração

A liberdade e a igualdade formam a base e os objetivos destes direitos. Em poucas palavras, eles dizem que:

- Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.
- Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.
- Ninguém será mantido em escravidão ou submetido à tortura.
- Todos são iguais perante a lei, têm direito à igual proteção da lei e têm direito a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial.
- Todo indivíduo tem direito à liberdade de expressão, crenças e opiniões.
- Toda pessoa tem o direito de tomar parte na vida cultural da sociedade e no governo democrático do seu país.
- A partir da idade núbil, o homem e a mulher têm o direito de casar e de constituir família, mas somente com o livre e pleno consentimento dos futuros esposos.
- O casamento, a maternidade e todas as crianças têm direito à proteção da sociedade.
- Toda pessoa tem direito a um nível de vida adequado, à educação, a trabalhar por um salário justo e à propriedade.

WEBSITES ÚTEIS

A Declaração completa

www.un.org/Overview/rights.html

Instituto Mundial de Informações Legais

www.worldlii.org

Corte Interamericana de Direitos Humanos

www.corteidh.or.cr

Amnesty International

www.amnesty.org

Human Rights Watch

www.humanrightswatch.org

Convenção Europeia dos Direitos Humanos

www.echr.coe.int/echr

Comissão Africana dos Direitos Humanos

www.achpr.org

Aprendizagem participativa sobre o VIH (HIV) e a SIDA (AIDS)

É essencial que se use uma abordagem participativa para a introdução e o desenvolvimento de competência nas várias questões relativas ao VIH (HIV) e da SIDA (AIDS).

Como se costuma dizer em relação à aprendizagem:

Eu ouço ... Eu esqueço.

Eu vejo ... Eu lembro.

Eu experimento ... Eu sei fazer.

Precisamos criar e facilitar experiências de aprendizagem que possam ser aplicadas na prática por indivíduos e comunidades para lidar com questões de prevenção do VIH, apoio, tratamento e vida positiva. Elas devem estar ligadas à realização do que as pessoas mais querem e valorizam na vida: os seus objectivos e sonhos.

A Bridges of Hope é um pacote útil, que oferece uma variedade de técnicas de aprendizagem participativa e actividades de treinamento. Para obter mais informações, consulte o website www.bridgesofhope.info

Peter Labouchere

HIV and AIDS Training Consultant

Box 131

Victoria Falls

Zimbábue

E-mail: peterl@mweb.co.zw

Quebrando o silêncio em relação ao VIH (HIV) e à SIDA (AIDS)

Na República Democrática do Congo (RDC), muitas pessoas já morreram por causa do VIH e da SIDA, porém estes termos raramente são mencionados. Muitas pessoas no nosso país achavam que a SIDA era um mito ou uma doença misteriosa que as pessoas relutavam em mencionar. Ao invés disso, elas referiam-se ao VIH e à SIDA como *a malária da África Oriental*, *veneno*, *o prego enferrujado* ou *"ka kidudu"* (micróbio).

Felizmente, as pessoas aqui agora reconhecem que o VIH e a SIDA não são apenas um mito, mas sim uma doença que leva à morte. Entretanto, elas ainda estão relutantes em falar abertamente sobre isto. Embora a maioria das

> OMS declara a tuberculose uma questão de emergência na África

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a tuberculose como uma questão de emergência em África. O número de novos casos de tuberculose a cada ano, em muitos países africanos, quadruplicou desde 1990, devido principalmente à sua ligação com o VIH e a SIDA, a pobreza e os sistemas de saúde precários. A doença está a matar mais de meio milhão de pessoas na África a cada ano. Por todo o mundo, a tuberculose é responsável por dois milhões de mortes por ano. Para alcançar os alvos do Objectivo de Desenvolvimento do Milênio, de reduzir as mortes causadas pela tuberculose, será necessária uma ação urgente.

"É trágico que esta doença não esteja sob controle, pois eu sou uma prova viva de que a tuberculose pode ser tratada e curada com eficácia" disse o vencedor do prêmio Nobel, Arcebispo Desmond Tutu, que, assim como o ex-presidente sul-africano Nelson Mandela, sobreviveu à doença. "O problema é enorme, e as autoridades médicas não podem superá-lo sozinhas. Elas precisam de ajuda." A falta de verbas dificulta a luta contra a epidemia, porém, somente com mais recursos financeiros não será possível resolver o problema da tuberculose. É necessário que haja também um esforço dedicado para fortalecer os sistemas de saúde.

Sam Ajibola (em Johannesburg) E-mail: ajibolas@afro.who.int

Patrick Bertrand (francophone media) E-mail: p.bertrand@noos.fr

peças conheçam outras pessoas com VIH e SIDA, estes ainda são vistos como motivo de zombaria e vergonha para a pessoa doente e a sua família. Nosso povo agora entende a importância de se quebrar o "silêncio" em relação ao VIH e à SIDA. Não falar sobre a SIDA é mais perigoso do que viver com o VIH. Os pais agora explicam ao filhos sobre os danos causados pelo VIH e como ele pode ser evitado.

Entretanto, o número de pessoas que vivem com o VIH e a SIDA continua a subir, apesar do número cada vez maior de campanhas para educar as pessoas. Embora sejam realizadas conferências sobre a SIDA, o vírus continua a propagar-se. Por quê? *A Passo a Passo 60* salientou a diferença entre a facilitação e o ensino tradicional. A RDC precisa de mais facilitadores bons, que ajudem as pessoas a serem "proprietárias" destas informações e a mudarem a sua atitude e o seu comportamento.

Jean-Pierre Ndaribitse Kajangwa

Diocese Goma/North Kivu

República Democrática do Congo

Baterias de veículos

Os leitores teriam alguma sugestão para a eliminação segura de baterias de

veículos velhas ou para reciclá-las e usá-las de alguma outra maneira?

Este é um problema para os nossos funcionários que trabalham em regiões remotas, por motivos de saúde e segurança.

Mike Webb

Tearfund

100 Church Road

Teddington

TW11 8QE

Reino Unido

Criação de térmitas (cupins)!

Ficamos a saber que os criadores de galinhas usam térmitas para alimentar as poucas galinhas que têm. Seria possível usar térmitas como alimento para um aviário grande? Para isto talvez fosse necessário criar térmitas! Algum leitor já usou grandes quantidades de térmitas como alimento para galinhas desta maneira? Como poderíamos fazer isto? Ficariamos muito gratos por qualquer sugestão.

Christian and Heidi Meyer

Centre Apostolique de Formation

01 BP 550

Ouagadougou 01

Burquina Faso

E-mail: c.h.meyer@gmx.net

O uso do teatro no trabalho de defesa de direitos comunitário

1

Escolha o problema

Escolha um problema de direitos humanos em que você queira se concentrar. Este deve ser um problema geral, conhecido do grupo ou da comunidade. Decida quem, na comunidade, sofre abuso e quem é o responsável. Por exemplo, um problema poderia ser a violência doméstica, em que o marido bate na mulher.

Mostre uma cena de uma possível situação de abuso. Esta não deve ser de um caso específico, mas deve mostrar o que acontece em geral.



2

Enfatize (Acentue) a injustiça

Depois desta cena, mostre uma outra, em que a pessoa que comete o abuso continua vivendo sua vida como se não houvesse nada de errado. O objetivo disto é que os espectadores sintam a injustiça da situação. Quanto mais zangadas as pessoas ficarem, mais elas vão querer participar e tentar mudar as coisas.

3

Incentive a participação

Agora, diga que os espectadores podem fazer perguntas para qualquer personagem da peça. O facilitador pergunta aos espectadores com que personagem eles querem falar e incentiva-os a fazerem perguntas tais como:

- Por que você agiu desta maneira?
- O que você acha do outro personagem?
- Por que você não se manifestou?

O papel do facilitador é muito importante. Ele deve repetir cada pergunta dos espectadores para ter certeza do que eles quiseram dizer e de que todos ouviram.

O facilitador também pode desafiar os espectadores a pensarem além da sua própria experiência com perguntas como “Será que isto tinha realmente de ser assim?”, “Será que será sempre assim?”

Os atores devem responder como se fossem os personagens que estão representando. Antes da peça, eles devem pensar cuidadosamente sobre os seus personagens. Por que eles fariam o que fazem e o que eles poderiam achar da situação?

Este processo permite que a comunidade comece a discutir os problemas em conjunto e reconhecer as atitudes por trás deles.

4

Praticando a defesa de direitos

Os espectadores podem se dividir em pequenos grupos para discutir como poderiam resolver o problema. Depois, eles compartilham as suas idéias com os outros grupos.

Uma outra técnica é incentivar voluntários entre os espectadores a participarem da peça, assumindo o papel de um dos personagens, conversando com os personagens e convencendo-os a mudar. O facilitador deve explicar que a peça será mostrada novamente, e que se, em qualquer momento, os espectadores quiserem mudar o que está acontecendo, eles devem levantar a mão e gritar “pare”. Talvez os espectadores queiram que um novo personagem, tal como um amigo, um parente ou a polícia, intervenha na



situação. Um voluntário entre os espectadores ou um outro ator pode assumir este papel.

O facilitador precisa:

- explicar a tarefa e convidar as pessoas para entrarem no palco
- parar a ação, se ela não estiver indo a lugar algum ou se as coisas ficarem violentas
- fazer um resumo do que foi aprendido em cada etapa, perguntando à audiência coisas como “O que eles fizeram? Isto funcionou?”

Os atores devem reagir à participação dos espectadores da mesma maneira como os seus personagens reagiriam num dia ruim. Por exemplo, eles poderiam virar as costas e ir embora, não escutar ou ficar zangados.

Desta forma, a comunidade pode explorar diferentes maneiras de abordar o problema e tentar fazer algo de positivo. Eles podem tentar entrar em acordo sobre uma maneira realista de defender direitos na situação.

O autor, Joy Borman, é um consultor freelance de Teatro para o Desenvolvimento, com experiência de trabalho com uma variedade de grupos, inclusive igrejas, pessoas internamente deslocadas e pessoas com deficiências.

E-mail: drama@inspiredbyjoy.co.uk

Fotos de Alex Mavrocordatos, Centre for the Arts in Development Communications.



5

Resumindo o que foi aprendido

O facilitador deve terminar a sessão de forma positiva, agradecendo aos atores e espectadores. Ele deve resumir o que foi aprendido e dar sugestões práticas quanto ao que funcionou e ao que não funcionou. Por exemplo, a dramatização de papéis poderia ter mostrado que, ao se lidar com o conflito, é melhor conversar com uma pessoa quando ela não estiver embriagada ou zangada, e pode ser útil ter outra pessoa presente.



Trabalhando com a deficiência

Há cerca de 20 milhões de pessoas com deficiência, que precisam de cadeiras de rodas nos países de baixa renda. A maioria das cadeiras de rodas disponíveis são doações de instituições de caridades do ocidente e podem não ser adequadas para os caminhos e trilhas irregulares. Elas geralmente são modelos antigos e são passadas de pessoa para pessoa. Como estas cadeiras são feitas para as pessoas bem alimentadas do ocidente, elas, muitas vezes, são de tamanho e formato errados, o que pode causar acidentes sérios.

A Organização Mundial da Saúde calcula que a expectativa de vida média de uma pessoa de um país de baixa renda, que perde o uso das pernas, é apenas de dois a três anos. As cadeiras de rodas inadequadas e a falta de mobilidade podem causar úlceras de pressão, que podem se infectar. Se a pessoa não tiver acesso a antibióticos, ela pode morrer por causa destas infecções.

A cada ano, milhares de pessoas danificam as costas e são feridas em conflitos ou por minas terrestres. Uma em cada 400 pessoas por todo o mundo tem paralisia cerebral. Muitas destas pessoas precisam de uma cadeira de rodas.

Desenho apropriado

A *Motivation* é uma organização do Reino Unido, que ajuda a fornecer cadeiras de rodas adequadas e baratas para pessoas com deficiência por todo o mundo. No início, ela trabalhava com organizações de pessoas com deficiência locais, abrindo oficinas, onde os habitantes locais podiam fazer e reparar seu equipamento. Entretanto, o seu novo modelo de cadeira de rodas agora é produzido em massa na China e montado no local por todo o mundo. Isto torna a produção de cadeiras mais barata, e elas podem ser adaptadas no local, de acordo com o tamanho e as necessidades de cada pessoa. A cadeira tem um desenho simples e as suas peças são feitas de materiais comuns. Assim, ela custa pouco, e a manutenção e os reparos podem ser feitos facilmente no local. A maneira como foi desenhada permite



Foto David Constantine Motivation

As cadeiras de rodas dão independência às pessoas com deficiência como Kithsiri Perera.

que ela passe pela maioria das trilhas e campos irregulares. A *Motivation* criou um curso de treinamento de curta duração para a montagem das cadeiras, a fim de adaptá-las para as pessoas locais – cada cadeira geralmente leva quatro horas para montar e ajustar.

Voltando a ser independente

Até agora, a *Motivation* já ajudou a distribuir 22.000 cadeiras de rodas. David Constantine, um dos fundadores da *Motivation*, explica, “Damos às pessoas independência e controle sobre as suas próprias vidas”.

Motivation
Brockley Academy, Brockley Lane
Backwell, Bristol
BS48 4AQ
Reino Unido

E-mail: info@motivation.org.uk
Website: www.motivation.org.uk

ESTUDO DE CASO Uma vida melhor

Kithsiri Perera tem 37 anos e vive em Pokunuwita, Sri Lanka, com a mãe e duas irmãs. Ele costumava ter uma banca de peixes, que estava a ir muito bem, até que, depois de um acidente três anos atrás, ele não pôde mais caminhar. Depois de 18 meses no hospital, ele voltou para casa. Mas ele não podia sair de casa porque não tinha uma cadeira de rodas.

Alguns dos outros comerciantes do mercado de Kithsiri juntaram as suas economias para comprar uma cadeira para ele, mas era uma cadeira velha e sem acento: apenas uma corda entrelaçada na armação. Embora a cadeira o ajudasse a locomover-se de uma parte da casa para outra, ele não podia andar com ela por caminhos lamacentos.

“Na maioria dos dias, eu não fazia nada,” diz ele. “Eu só ficava sentado ou deitado. Fazia 18 meses que eu não saía de casa. Às vezes, eu achava que a minha vida não tinha sentido. Mas eu queria encontrar uma maneira de trabalhar de novo. Antes do acidente, eu tinha uma banca de peixes, que tinha pertencido ao meu pai e ao meu avô. Ela estava indo muito bem e eu tinha uma vida boa. Eu tinha tudo que queria. E agora eu quero a minha vida de volta.”

O sonho de Kithsiri Perera de ter uma vida melhor agora parece que pode ser alcançado. A *Motivation* deu-lhe uma nova cadeira, de três rodas, projetada para ser usada no terreno irregular das regiões rurais. Ele está a fazer grande progresso, recuperando a sua auto-confiança e mobilidade e diz, “Eu vejo pessoas ativas e isto faz-me pensar no quanto eu gostaria de ser como elas e voltar a ter a minha banca. Este é o meu plano.”

Este artigo foi adaptado, com autorização, de um artigo de Alexandra Freen, © *The Times*, Londres, 26 de Julho de 2005.

Não é permitido copiar, fotocopiar, reproduzir ou usar os direitos eletrônicos sem a permissão prévia do proprietário dos direitos autorais.
www.timesonline.co.uk

Agentes da defesa de direitos

Muitas pessoas que sofrem injustiça sentem-se incapazes de fazer alguma coisa. Elas podem ter medo de sofrer ainda mais injustiça, elas podem ser pobres e achar que não são importantes ou podem não compreender os seus direitos. O departamento de defesa de direitos da Igreja Kale Heywet, na Etiópia, têm treinado líderes de igrejas como agentes da defesa de direito para auxiliar as pessoas, quando elas sofrem injustiça.

Por quatro anos, os agentes receberam treinamento por um mês a cada ano. O treinamento é feito por seis advogados, os quais são todos líderes eclesiais da Igreja Kale Heywet e de outras igrejas evangélicas. Os cursos cobrem:

- a constituição etíope
- introdução ao direito
- direitos humanos
- um estudo detalhado das leis relativas ao comércio, às finanças públicas, ao trabalho, à sociedade civil e ao direito penal
- direito sharia (pois mais de 30% da população é muçulmana)
- cursos de apoio em inglês e matemática.

A base fundamental do treinamento é a citação bíblica de Provérbios 31:8-9. “Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda os direitos dos pobres e dos necessitados.”

Quarenta e seis pessoas graduaram-se em 2005. O diploma é reconhecido pelo governo. Na verdade, duas pessoas que fizeram o curso já receberam ofertas de emprego do governo, embora a igreja esteja relutante em perder pessoas com estas habilidades. Os agentes, provenientes de todas as partes do país, formaram redes locais e nacionais para se auxiliarem mutuamente. Alguns gostariam de se tornar agentes da defesa de direitos de tempo integral.

O treinamento que tiveram proporcionou-lhes a compreensão e a confiança necessárias para se manifestarem e desafiarem a injustiça nos tribunais.

Um exemplo de defesa de direitos na prática

Um dos agentes, Endale Ero, encontrou duas meninas a chorar. Quando ele perguntou qual era o problema, elas contaram que haviam se candidatado a cargos no governo local e tinham sido entrevistadas e aceites. Porém, quando se apresentaram para trabalhar, descobriram que os cargos haviam sido dados para outras pessoas. Endale pediu permissão para falar em nome delas. Ele levou o caso para o tribunal e ganhou a causa para elas. Elas não só ganharam os empregos de volta, mas também foram indenizadas.

*Negussie Zewdie
Advocacy Department, Kale Heywet Church
PO Box 5829
Addis Ababa
Etiópia
E-mail: negsen@ethionet.et*

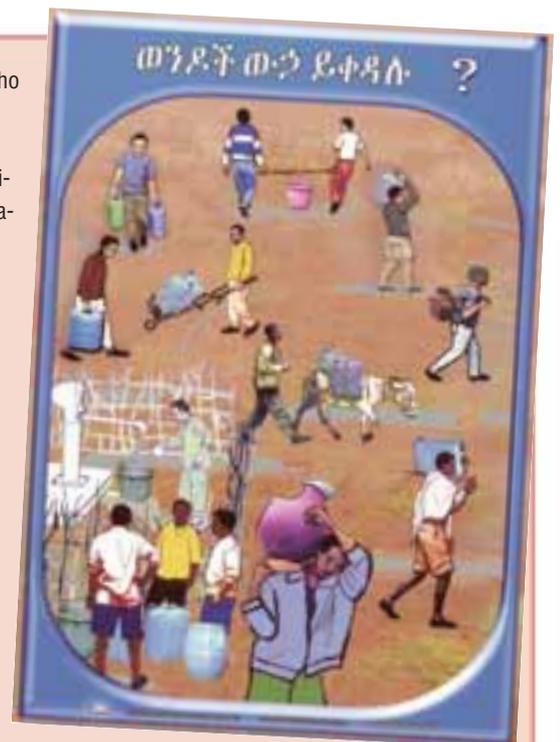
Cartaz com um desafio sobre a questão do gênero



A parceira da Tearfund da Etiópia, Kale Heywet Church, têm apoiado o trabalho na área da água e do saneamento na Etiópia por muitos anos. Eles possuem uma equipe de educadores da saúde, que trabalham com comunidades, consciencializando as pessoas sobre a higiene, o saneamento e o desenvolvimento da capacidade. São eleitos Comitês de Água e Saneamento, e os educadores ensinam os membros destes sobre higiene e gestão. Muitos destes comitês, agora, estão bem organizados e são eficazes. Entretanto, mudar as atitudes é um processo lento. O Departamento de Água, Saneamento e Irrigação produziu materiais educacionais em amárico sobre tópicos básicos, tais como lavar as mãos e o saneamento, para ajudar o trabalho dos comitês.

Um dos seus projetos mais recentes foi muito controverso: um cartaz de pessoas a buscar água de várias maneiras diferentes. Nada de mais, até que se olha melhor e se vê que todas as figuras são de homens! Addise Amado, Coordenador de Desenvolvimento e Educação Comunitária, foi quem teve a idéia para o cartaz. Ele diz “Sabemos que as pessoas se preocupam especialmente com a imagem dos homens carregando água nas costas, mas precisamos de mudar as atitudes sobre o gênero, para que os homens tenham um papel mais ativo no que diz respeito a buscar água para a família.”

*EKHC WATSAN Programme, PO Box 5829, Addis Ababa, Etiópia
E-mail: saraelon@yahoo.com*



Grupos de auto-ajuda: empoderando as mulheres

Kuki Rokhum

A constituição indiana confere direitos iguais aos homens e às mulheres. Porém, a realidade é que a vida das mulheres ainda é moldada por costumes e tradições que as prejudicam. As filhas são menos valorizada do que os filhos. As meninas são ensinadas a acreditarem que são menos importantes do que os meninos. O número de mulheres que morrem no parto está entre os mais altos do mundo, e mais de 40% das mulheres não sabem ler e escrever. Atualmente, as mulheres compõem apenas 6% do Parlamento Indiano.

Entretanto, embora as condições sociais continuem a prejudicar as mulheres, estão ocorrendo mudanças até mesmo nas regiões rurais da Índia. As mulheres aceitaram o desafio e suas vidas estão sendo transformadas.

Melhorias comunitárias

As mulheres que sobreviveram o ciclone Orissa, de 1999, não só se recuperaram do desastre, mas também estão se estabelecendo em empreendimentos fortes e melhorando sua situação financeira. A parceira da Tearfund, EFICOR, trabalhou com as mulheres das regiões litorâneas afetadas e formou vários grupos de auto-ajuda para mulheres. Um destes grupos, chamado Basanti Durga, do povoado de Jamunaka, recebeu um empréstimo de 150.000 rúpias do State Bank of India. Elas investiram 60.000 rúpias na produção de arroz e usaram o restante para comprar uma máquina de descascar arroz. Todas as 17 membros do grupo trabalham ativamente no processo inteiro de preparação do arroz para a venda. Os habitantes do povoado

estão contentes em ter um moinho de arroz no povoado e estão muito orgulhosos do seu grupo de auto-ajuda.

Estas mulheres não só se envolveram com o comércio, mas também se alfabetizaram, freqüentando aulas de alfabetização. Elas agora se sentem confiantes para lidar com comerciantes que, antes, poderiam tê-las enganado. Os grupos de auto-ajuda da região também se juntaram para formar federações e, agora, estão estudando a possibilidade de começar negócios maiores.

Há também mulheres individuais procurando mudar, aprendendo novas habilidades. Tulsí Ben, de 35 anos, de Ghotvaln, na região rural de Gujarat, era uma trabalhadora migrante que mal ganhava dinheiro suficiente para alimentar a família. Com a ajuda da EFICOR, ela plantou 17 romãzeiras nas terras devolutas ao redor da sua casa. Apesar de ser criticada pelos vizinhos e de não ter nenhum retorno inicial, ela trabalhou arduamente. Para regar as mudas das árvores, ela buscava água de um lago a meio quilômetro de distância da sua casa. Hoje, ela vende as frutas no mercado local. Ela não só é capaz de arcar com as suas despesas diárias, como também pode pagar a educação das duas filhas.

Liderança

As mulheres também estão sendo incentivadas a assumir cargos de liderança. A parceira da EFICOR, SEBA, trabalha na região rural de Chattisgarh (Índia Central). A Sra. Sonmati pertence ao grupo de auto-ajuda de Kaikagarh. Como membro do grupo, ela freqüentou alguns programas de treinamento. Sua autoconfiança aumentou à medida que ela interagiu com homens e mulheres fora de casa. Ela ficou sabendo de outras mulheres em cargos de liderança.

As mulheres aceitaram o desafio, e suas vidas estão sendo transformadas

Foto Geoff Crawford Tearfund



As mulheres da Índia estão trabalhando juntas para melhorar sua situação financeira.



Foto Richard Hanson Tearfund

Isto a motivou, e o seu potencial oculto começou a vir à tona. Com sua autoconfiança renovada e incentivo dos outros membros do grupo, ela se candidatou nas Eleições locais do Panchayat. Agora, ela é a Sarpanch (Chefe) do povoado e se tornou uma inspiração para as outras mulheres do povoado e arredores.

Através do trabalho da EFICOR e dos seus parceiros nas regiões rurais por toda a Índia, as mulheres estão sendo empoderadas. Não só suas vidas estão sendo transformadas, mas suas filhas e outras mulheres agora têm mais oportunidades de melhorar sua vida, num país em que as mulheres ainda são marginalizadas e muitos bebês do sexo feminino continuam a ser mortos mesmo antes de nascer.

A autora, Kuki (Lalbiakhlui) Rokhum, é uma parceira da Interserve que trabalha com a EFICOR como Coordenadora de Relações com Doadores.

Seu endereço é:

EFICOR, 308 Mahatta Tower
B Block Community Centre
Janakpuri
New Delhi – 110 058
Índia

E-mail: eficorhq@vsnl.com
Website: www.eficor.org

Estudo bíblico

Homens, mulheres e Deus

É fácil deixar que nossas próprias idéias e pressuposições culturais influenciem a nossa compreensão dos textos bíblicos. Por exemplo, a idéia de que os homens são chamados para liderar a igreja e as mulheres, somente para segui-la dominou a maneira de pensar sobre os sexos por séculos, apesar do grande número de mulheres líderes que Paulo saudou no último capítulo de Romanos. Apesar também do fato de que ele se refere a Febe, que levou a epístola a Roma, como *ministra*. Ele usa exatamente a mesma palavra em grego para ela (*diaconisa*) que usa para descrever o seu próprio ministério e o ministério de Timóteo. Não nos ajuda que os tradutores tenham, com freqüência, enfraquecido o significado desta palavra usando simplesmente *serva*, no caso de Febe.

Precisamos de ajuda da Bíblia para compreender os planos de Deus para todas as aspectos da nossa vida, inclusive o relacionamento sexual. Por todo o mundo, as mulheres são muito vulneráveis à violência sexual. Tanto o estupro (a violação) quanto a agressão acontecem em grande escala hoje em dia. Mesmo dentro do casamento, pode haver violência, muitas vezes, justificada por alguns cristãos mal orientados, que acham que as esposas devem se submeter aos maridos, inclusive no relacionamento sexual. São Paulo, entretanto, tinha idéias muito diferentes.

Leia 1 Coríntios 7:2-7

Esta passagem desafia as nossas atitudes para com o relacionamento sexual entre um homem e uma mulher. Em primeiro lugar, Paulo coloca-a firmemente dentro do compromisso do casamento. Depois, o casamento é sempre entre um homem e uma mulher. Estas duas provisões já protegem as mulheres. Porém a parte mais radical é quando Paulo fala sobre sexo entre o marido e a mulher. A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido – nada que cause surpresa até agora. O que causa surpresa é a próxima frase. O marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher. Isto é realmente surpreendente. Esta é a única passagem em que Paulo usa realmente a palavra *autoridade* dentro do relacionamento do casamento, e ela deve ser totalmente mútua. Os maridos e as mulheres devem tratar os corpos uns dos outros com respeito e consideração. Se este ensinamento bíblico fosse seguido no relacionamento sexual por todo o mundo, seria o fim de tanta miséria humana, violência sexual e epidemias relativas ao sexo.

- *O que esta passagem nos diz sobre a opinião de Deus sobre as pessoas terem mais de um parceiro sexual?*
- *Por que esta visão bíblica protege as mulheres?*
- *O que acontece com a idéia da desigualdade entre os sexos nesta passagem?*
- *Quais são os princípios fundamentais de Paulo no relacionamento sexual entre marido e mulher?*
- *O que impede que a igreja por todo o mundo coloque em prática esta visão para os homens e as mulheres?*

A escritora, Dra. Elaine Storkey, é a Presidente do Reino Unido do Tearfund

Created in God's Image

Este é um manual para as igrejas, que trata da consciencialização sobre questões de gênero e desenvolvimento da liderança, produzido pela World Alliance of Reformed Churches para ajudar as mulheres e os homens a trabalharem juntos com igualdade de parceria na igreja, na comunidade e na sociedade mais ampla. Ele é um guia útil para facilitar encontros de treinamento, com um livro de exercícios para os participantes.



World Alliance of Reformed Churches
PO Box 2100
150 Route de Ferney
1211 Genève 2
Suíça
E-mail: warc@warc.ch
Website: www.warc.ch

Website para a saúde dos olhos

A Vision 2020 e-resource é uma coleção on-line de recursos para programas de saúde dos olhos ao redor do mundo. Ela compartilha ferramentas úteis, que ajudam a avaliar, planejar, implementar e gerir programas de alta qualidade, eficientes e sustentáveis de saúde dos olhos no mundo em desenvolvimento.

S Sharmila
1 Anna Nagar
Aravind Eye Care System
Madurai – 625 020
Tamil Nadu
Índia

E-mail: eyesite@aravind.org
Website: www.laico.org/v2020resource/homepage.htm

Edição suaíle de LEISA

A Mambo LEISA é uma nova versão suaíle de uma revista sobre agricultura sustentável, que já vem sendo publicada há muito tempo. Para obter mais informações, entre em contacto com:

KIOF
PO Box 34792
Nairobi
Quênia

E-mail para John Njoroge ou Damaries Muikali
Munyao para: kiof@iconnect.co.ke

Macmillan Education

A Macmillan Education criou uma variedade de materiais educacionais de apoio para professores, inclusive um guia do professor e uma série de livros de níveis diferentes para alunos com diferentes capacidades de leitura.

TEACHING ABOUT HIV AND AIDS

Um livro muito prático para ajudar os professores a ensinarem sobre o VIH (HIV) e a SIDA (AIDS). Ele traz informações claras e precisas e ações para incentivar a reflexão

e a melhor prática. O livro cobre mais de 60 tópicos, cada um com informações e sugestões de atividades para a sala de aula, inclusive jogos de perguntas, questões para debate e drama.



A LETTER TO PEARL (Livro de nível 2)

Uma história convincente sobre a vida de jovens adolescentes a lidarem com os seus relacionamentos, sexualidade e necessidade de se manterem a salvo do VIH (HIV) e da SIDA (AIDS).



BREAKING THE SILENCE (Livro de nível 2)

Uma jovem professora, que está a morrer de SIDA (AIDS) percebe que deve quebrar o silêncio e conta aos alunos sobre a sua doença, avisando-os sobre os perigos do VIH (HIV) e da SIDA (AIDS). Porém os parentes dela queimam as cartas para manter o silêncio. Será que a Srta. Chabi conseguirá dar a sua última aula? Uma história intensa sobre a vergonha e o silêncio em relação ao VIH (HIV) e à SIDA (AIDS).

Publicações da Tearfund

Reduzindo o risco de desastres em nossas comunidades

Os desastres afetam milhões de pessoas a cada ano, causando danos à vida, à propriedade e sustento. Muitos desastres podem ser evitados ou tornados menos destrutivos através da redução dos



riscos para as pessoas. Este livro ROOTS examina um método para se realizar isto, chamado Avaliação Participativa do Risco de Desastres. Este processo consiste em se trabalhar com os habitantes locais para

reconhecer situações de possível risco e as suas vulnerabilidades nestas situações, planejando o que fazer para lidar com elas.

Incentivando a boa higiene e o saneamento

Este novo guia PILARES ajuda as comunidades a reduzirem a doença e a infecção causadas pelo mau saneamento, más práticas de higiene e água suja. O guia tem por objectivo aumentar a compreensão sobre os factos básicos relativos à boa higiene. Ele está repleto de informações práticas sobre



idéias baratas para incentivar a limpeza das mãos, manter os alimentos em segurança, fornecer água potável e manter uma boa saúde. Ele traz orientação sobre como melhorar o abastecimento de água e construir diferentes tipos de latrinas, assim como estudos bíblicos referentes à higiene, à água e ao saneamento. Assim como em todos os guias PILARES, a aprendizagem ocorre através da discussão em pequenos grupos, a qual pode levar à mudança de atitudes e prática.

Estes recursos podem ser obtidos através de:

Tearfund Resources Development
PO Box 200
Bridgnorth
Shropshire
WV16 4WQ
Reino Unido

E-mail: roots@tearfund.org

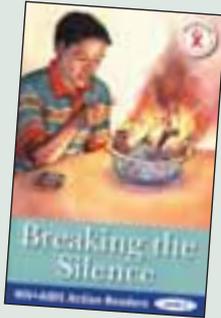
Os livros (há mais nove) custam £2 libras esterlinas cada (\$3,66 dólares americanos, €2,96 euros).

Eles podem ser obtidos nos distribuidores dos livros Macmillan por todo o mundo.

Macmillan Distribution Ltd
Houndmills
Basingstoke
RG21 6XS
Reino Unido

E-mail: mdl@macmillan.co.uk

Website: www.macmillan-africa.com



WEBSITES ÚTEIS

A **Human Rights School** ajuda as pessoas a participarem da promoção e da proteção dos direitos locais e compartilharem informações. Este website traz módulos sobre diferentes questões de direitos humanos, os quais incentivam a discussão e a ação. Há também uma página de *Temas e Questões* (Themes and Issues) com informações adicionais e links para outras organizações que trabalham com os direitos humanos.

www.hrschool.org

A **UNIFEM** é o fundo de desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher. Ela oferece ajuda financeira e técnica para novos programas e estratégias para incentivar o empoderamento das mulheres e a igualdade entre os géneros e melhorar os direitos humanos das mulheres.

www.unifem.org

O **Fundo de População das Nações Unidas** (UNFPA) promove o direito de cada mulher, homem e criança de usufruir uma vida de saúde e oportunidades iguais.

www.unfpa.org/gender

A **Child Rights Information Network** (CRIN) é uma rede mundial que compartilha informações sobre a Convenção dos Direitos da Criança e os direitos infantis.

www.crin.org

O seguinte website traz uma lista de centenas de livros sobre as mulheres e o desenvolvimento, de 60 editoras por todo o mundo.

www.womenink.org

Small World Theatre

O Small World Theatre é uma instituição de beneficência educacional, que usa as artes dramáticas no desenvolvimento comunitário, na defesa de direitos e na consciencialização das pessoas. Eles treinam grupos teatrais locais em métodos participativos de teatro e trabalham com as comunidades para debaterem questões de governação, direitos e meio ambiente.

O uso de métodos participativos de teatro faz com que as peças sejam interactivas, criadas com a participação da comunidade e baseadas nas tradições culturais.

Usando as situações locais

Podem-se dramatizar situações e opiniões locais específicas. Também podem ser usados provérbios, histórias, jogos ou danças populares. Isto ajuda a fortalecer o senso de propriedade e ajuda a sustentar qualquer ação social que possa resultar do evento.

Facilitar estes processos participativos pode ser difícil, mesmo para atores experientes. Nem sempre é fácil expressar as idéias em palavras, e, muitas vezes, é difícil para as pessoas compartilharem os seus pensamentos em público. O ato de falar já é um empoderamento por si próprio.

Direitos dos eleitores na Tanzânia

O Small World Theatre treinou um grupo de atores tanzanianos para que realizassem uma pesquisa e, então dramatizassem uma peça, que informasse as pessoas sobre os seus direitos e incentivasse-as a votarem nas eleições parlamentares da Tanzânia em 2000. Foi mostrado aos actores como usar marionetes realistas de mulheres de tamanho natural para fazer uma pesquisa nas comunidades locais. Quando as pessoas se juntavam ao redor da marionete, os actores faziam perguntas sobre a marionete, tais como o seu nome, idade, status civil e situação, a fim de criar uma história para ela. Depois, eles faziam perguntas às pessoas sobre a marionete, tais como no que ela trabalhava, se ela havia votado nas últimas eleições, por que ela havia votado e o que havia feito com que ela votasse, até se criar uma idéia imaginária desta "mulher".

*O ato de falar já é
um empoderamento
por si próprio*

Envolvimento dos espectadores

O processo foi repetido em outras favelas, até que 300 pessoas haviam contribuído com esta pesquisa sobre os motivos pelos quais as mulheres das comunidades pobres não haviam votado nas eleições anteriores. Foi escrita uma peça, com base nas questões que as pessoas haviam salientado na pesquisa, e esta foi desempenhada.

Os actores incentivaram os espectadores da comunidade a reagir às questões levantadas na peça. Eles usaram uma abordagem participativa para incentivar os espectadores a resolverem os seus próprios problemas. Muitas vezes, o debate continuava por tanto tempo, que era difícil para os actores irem embora. Cada vez que a peça era desempenhada, o roteiro era adaptado para refletir as informações e as atitudes expressas na peça anterior. Na última apresentação da peça, aparecia uma grande marionete do Sr. Democracia, como um tipo de presidente da reunião. Ele foi usado para compartilhar informações sobre questões práticas, tais como onde e quando votar.

O autor, Bill Hamblett, é o Diretor de Artes do Small World Theatre.

PO Box 45
Cardigan
SA43 1WT
Reino Unido

E-mail: info@smallworld.org.uk
Website: www.smallworld.org.uk

Transformação através da coragem e da parceria



Foto Robert Slocumbe Tearfund

Agnes (segunda à direita) tem uma nova vida graças ao trabalho com outras pessoas.

A muitas viúvas e órfãos da África são negados os seus direitos a herdarem propriedades ou terras, as quais frequentemente vão para os irmãos do marido ou outros parentes do sexo masculino, deixando a família desabrigada e destituída.

Agnes nasceu na província de Makamba, em Burundi. Seus pais eram agricultores e levavam uma vida pacífica com os nove filhos até 1994, quando a violência chegou à sua província. Acreditando que suas vidas estavam em perigo, a família fugiu com o que podia carregar para o país vizinho, a Tanzânia. Outras milhares de pessoas também fugiram de Burundi e foram viver em campos de refugiados. Porém, a família deixou os campos devido à superlotação e ao risco constante de doença. Por cinco anos, eles mudaram-se de um lugar para outro, tentando ganhar a vida, até que o pai de Agnes morreu. A mãe decidiu voltar para Burundi, onde achava que teria alguma ajuda dos parentes.

Porém, em 1999, a mãe de Agnes morreu repentinamente. Agnes e os irmãos mais novos foram forçados a encontrar um novo lugar para morar. Ela procurou a ajuda dos tios, mas eles recusaram-se a acolhê-los ou protegê-los. Eles tiraram as

terras do pai dela e não deixaram nada para as crianças.

Desesperada e sem ter para onde ir, Agnes procurou ajuda. Um vizinho ofereceu-lhes uma casa velha em ruínas ao lado da sua fazenda. Agnes fez um telhado para a casa com folhas de bananeira, e a família viveu ali durante dois anos, lutando para sobreviver, com a ajuda da bondade dos vizinhos.

O governo de Makamba forneceu algumas terras pantanosas para o cultivo, como parte do projeto de segurança alimentar da Tearfund. As pessoas foram incentivadas a formar associações agrícolas, em que elas pudessem trabalhar juntas e ajudarem-se mutuamente. Em 2003, Agnes entrou para um destes grupos e começou a cultivar. O grupo ofereceu-lhe ajuda, orientação, sementes e ferramentas. Agora, ela faz parte de uma rede positiva e incentivadora. O grupo ajudou Agnes e a sua família a construir uma casa.

Eles construíram as paredes de tijolos e usaram as habilidades de carpintaria existentes dentro do grupo. Agnes usou o dinheiro que havia ganhado com a venda das sementes para comprar portas e janelas para a casa nova.

Em 2005, Agnes começou atividades de geração de recursos para sustentar a família. Depois, ela alugou mais terras e contratou outras pessoas para trabalhar nelas. Ela continua a servir a sua comunidade, participando de forma activa na campanha contra o VIH (HIV) e a SIDA (AIDS). Agnes também é uma das líderes do pedido de crédito bancário, com o fim de aumentar a sua produtividade.

Agnes agora tem 21 anos e leva uma vida que nunca imaginou ser possível. Ela era uma menina, que havia sido deixada desamparada e vulnerável, com a responsabilidade pelo bem-estar dos irmãos. Ela agora tem um imóvel, um pedaço de terra e uma posição reconhecida dentro da comunidade. Tudo isto é o resultado do trabalho árduo em parceria com outras pessoas.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

- Como Agnes perdeu os seus direitos de herança?
- Quais foram os factores principais que a ajudaram a reconstruir a sua vida?
- Que oportunidades há na nossa comunidade para as pessoas que perderam os seus direitos de herança?

O autor, Benoit Barutwanayo, trabalha para a Tearfund como Coordenador de Área para Makamba.

E-mail: burundi-cm@tearfund.org



Foto Geoff Crawford Tearfund